



REVISTA CON-SPIRANDO¹: APONTAMENTOS SOBRE ÉTICA E ESPIRITUALIDADES EM ECOFEMINISTAS NA AMÉRICA LATINA

CON-SPIRANDO MAGAZINE: NOTES ON ETHICS AND SPIRITUALITIES AMONG ECOFEMINISTS IN LATIN AMERICA

Tânia Regina Zimmermann*

Márcia Maria de Medeiros**

Resumo: Esta pesquisa objetiva discutir a relação entre ética, espiritualidades, ecofeminismos e justiça socioambiental em escritos das ecofeministas Rosa Trapasso, Ivone Gebara e Mary Ressa a partir de uma perspectiva de gênero. Como metodologia faremos uma pesquisa bibliográfica interpretativista interseccional de ecofeministas latino-americanas em publicações na Revista Con-spirando de 1996. No campo empírico e teórico, os conceitos mobilizados serão gênero, ecofeminismo, patriarcado, ética e espiritualidade. As discussões interseccionais dessas ecofeministas com a ética colocaram o meio ambiente no centro de lutas feministas ecoterritoriais diante da degradação, falta de alimentos, água e contaminação do solo. Além disso, iniciaram estudos sobre o protagonismo de mulheres em conflitos ecoterritoriais. Como resultados e conclusões observamos nessas ecofeministas a interrelação entre as posições de inferioridade na coisificação de pessoas e a ética fundada na solidariedade, espiritualidade e reciprocidade.

Palavras-chave: Ecocídio. Teólogas ativistas. América Latina.

Abstract: This research aims to discuss the relationship between ethics, spiritualities, ecofeminisms, and socio-environmental justice in the writings of ecofeminists Rosa Trapasso, Ivone Gebara, and Mary Ressa from a gender perspective. Methodologically, we will conduct an intersectional interpretative bibliographical research of Latin American ecofeminists in publications in the journal Con-spirando from 1996. In the empirical and theoretical field, the concepts mobilized will be gender, ecofeminism, patriarchy, ethics, and spirituality. The intersectional discussions of these ecofeminists with ethics placed the environment at the center of ecoterritorial feminist struggles in the face of degradation, lack of food, water, and soil

¹ Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología.

* Doutora em História Cultural pela UFSC e professora da graduação e pós-graduação em Educação e em Recursos Naturais na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: taniazimmermann@gmail.com

** Doutora em Letras pela UEL e professora da graduação e pós-graduação em Recursos Naturais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. E-mail: marciamaria@uem.br

contamination. Furthermore, they initiated studies on the protagonism of women in ecoterritorial conflicts. As results and conclusions, we observe in these ecofeminists the interrelation between positions of inferiority in the objectification of people and ethics founded on solidarity, spirituality, and reciprocity.

Keywords: Ecocide. Activist theologians. Latin America.

Introdução

O ecofeminismo, desde seus começos na França na década de 1980, é um movimento que entrelaça lutas feministas e os impactos ambientais, desafiando as estruturas patriarcais²/capitalistas. Nesse movimento, se reafirma a interconexão de todas as formas de vida e a necessidade de cuidar nossa casa comum, o planeta. Na América Latina, essa perspectiva adquire contornos específicos, atravessados por epistemologias anticoloniais e decoloniais, espiritualidades diversas e resistências territoriais que questionam paradigmas do Norte Global, sobretudo suas concepções dualistas de natureza e cultura e suas formas hierárquicas de compreender as relações entre humanos e mais-que-humanos³.

Nesse contexto, algumas ativistas iniciaram projetos ecofeministas em comunidades e com mulheres principalmente nas periferias, a partir de diálogos acadêmicos e ecumênicos, visando refletir sobre essas ontologias modernas advindas do Norte Global nas quais os mais-que-humanos são subordinados a uma lógica de exploração e a partir das quais são dadas também normas de validação para os corpos.

Para este estudo optamos por uma pesquisa bibliográfica interpretativista interseccional⁴ na perspectiva de gênero⁵ em escritos na Revista Con-spirando. O recorte temporal é a publicação de 1996 de número 17, momento da edição específica de um volume sobre ética⁶ e

² Entendemos o patriarcado como uma ordem política baseada no controle, na disciplina e na opressão das mulheres por meio de narrativas muito diversas e espalhadas.

³ Elizabeth Povinelli usa e trabalha o conceito de “mais-que-humanos”, integrando-o numa crítica mais ampla às categorias ocidentais de vida, agência e política. POVINELLI, Elizabeth A. *Catástrofe Ancestral: Existências no Liberalismo Tardio*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

⁴ A perspectiva interseccional é uma ferramenta analítica, bem como uma prática para entender o cruzamento entre vários mecanismos de poder como raça, classe, gênero, sexualidade, meio ambiente etc. contribuindo para entender a complexidade do mundo para resistir a sistemas de dominação. COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

⁵ Gênero será aqui utilizado na perspectiva de Joan W. Scott, a qual o compreende como uma categoria de análise histórica para entender as desigualdades entre mulheres e homens e como as exclusões foram sendo configuradas na história. SCOTT, Joan W. *A fantasia da história feminista*. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

⁶ Por ética entendemos aqui como um conjunto de relações que visa a integralidade individual e coletiva em relação ao consenso do que é o bem comum em coexistências equilibradas.

ecofeminismo, que contém 12 artigos com colaboração de Ivone Gebara, Rosa Dominga Trapasso e Mary Judith Ress.

A ética ecofeminista na América Latina se estrutura a partir de uma relação de reciprocidade e cuidado com o meio ambiente, em oposição à lógica patriarcal extrativista e mercantilista imposta pelo capitalismo neoliberal. Essa ética também é ancorada em saberes ancestrais dos povos originários e comunidades tradicionais, que veem a Terra não como um recurso a ser explorado, mas como uma entidade viva com a qual se deve manter um equilíbrio respeitoso.

Teorias ecofeministas construídas por Trapasso, Ress e Gebara se pautam em uma ética ecocêntrica que reconhece o valor intrínseco e relacional de todas as partes de um ecossistema, incluindo os humanos. Assim, esse corpo teórico propõe uma ética que envolve humano e mais-que-humano em relações de cuidado e compaixão, práxis historicamente associadas às experiências e expectativas socialmente atribuídas às mulheres, bem como aos impactos da destruição ambiental em suas vidas. Para Garcia⁷ essa ética enfatiza a diferença destas teóricas devido ao grande senso de responsabilidade por elas assumido. No entanto, olhares para esse cuidado, segundo Shiva, são imprescindíveis para todos, pois:

Economias do cuidado surgem para recuperar a nossa mente, autonomia e potencial criativo visando preservar a nossa liberdade e garantir o nosso direito ao trabalho a serviço da Terra, das nossas comunidades e das futuras gerações. As economias do cuidado estimulam a liberdade criativa, a justiça e a coesão⁸.

Às economias do cuidado soma-se a espiritualidade enquanto prática integradora de si com o mundo e desempenha um papel central nesses trânsitos ecofeministas Sul-Norte, pois muitas ativistas latino-americanas articulam suas lutas a partir de cosmovisões que transcendem a dicotomia entre humano e natureza. Nesse sentido, a ideia antropocêntrica é deslocada e a natureza não é apenas recurso, mas “parente”, entidade, força viva. O ser humano é parte integrante desse processo e suas ações só fazem sentido a partir do momento em que elas se alinham a princípios de coletividade.

Tal premissa conversa diretamente com a forma de ver o mundo e de ser no mundo das comunidades indígenas e afrocentradas, que entendem que o indivíduo faz parte de um todo e

⁷ GARCIA, Loreley. *Meio ambiente & gênero*. São Paulo: Senac, 2012. (Série Meio Ambiente). p. 99.

⁸ SHIVA, Vandana. Manifesto sobre as economias do cuidado e a democracia na Terra. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 21 jul. 2022. s.p. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620570-manifesto-sobre-as-economias-do-cuidado-e-a-democracia-na-terra>. Acesso em: jan. 2025.

para as quais só “há ‘um’ porque há mais de um”⁹. Em um processo mitopoético¹⁰, podemos dizer que essa linha de pensamento compreende a diferença entre ser “um” e ser único e a partir daí se pensam as relações entre humanos e mais-que-humanos e a própria terra, em um sentido que reconhece as individualidades como partes conectadas ao universo, criando uma cadeia ecoespiritual. Assim, Shiva reforça que:

A vida é um fenômeno comunitário delicado e solidário – tanto na sociedade como na natureza. É um fenômeno relacional, não atomístico. É nas comunidades onde as economias locais de sustento, de saúde e de bem-estar convergem e se regeneram. Relações interpessoais são tecidas com os fios do respeito e da reciprocidade, cultivam a criatividade e o bem-estar. Economias do cuidado, por seu turno, geram harmonia e prosperidade.¹¹

O conceito de “buen vivir”¹², presente em diferentes culturas andinas, exemplifica essa visão integrada da vida, onde o bem-estar não está vinculado ao consumo, mas à harmonia entre seres humanos e natureza, em um processo que Santos¹³ nomeia biointeração. Essa perspectiva desafia o pensamento ocidental moderno, como o dualismo cartesiano e a centralidade do sujeito humano, e tem influenciado abordagens feministas ao promover um diálogo intercultural ancorado no pluralismo histórico¹⁴.

Ativistas/teóricas ecofeministas na Revista Con-spirando

Criado em 1991, o coletivo rede Con-spirando articulou na *Con-spirando: Revista Latinoamericana de Ecofeminismo, Espiritualidad y Teología*, um espaço de articulação, formação, memória e produção coletiva de saberes ecofeministas espiritualistas na América Latina. A revista registrou as contribuições e trocas vivenciais de uma rede de ecofeministas, principalmente teólogas comprometidas com visões integradas de ecologia, espiritualidade e ética. Desde sua primeira edição, em 1992, a publicação buscou fortalecer uma rede regional e

⁹ SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; PISEAGRAMA, 2023. p. 32.

¹⁰ Mitopoética é entendida nesse trabalho como uma metáfora legítima para a construção de sentidos que se ancora em perspectivas decoloniais e pode ser proposta como escopo metodológico para refletir e aprofundar sobre uma categoria de pensamento inaugurada por Catitu Tayassu, a saber, a Literaterra Tayassu. TAYASSU, Catitu. *Literaterra*. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Editora da UFGD, 2015.

¹¹ SHIVA, 2022, s.p.

¹² A consagração do Buen Vivir e da Pachamama na Constituição Equatoriana de 2008 não foi apenas simbólica, mas também representou um ato político radical, de ampla abrangência cultural e filosófica, que inaugurou um novo modo de pensar o direito, a política e a vida — humana e mais-que-humana.

¹³ SANTOS, 2023.

¹⁴ SEGATO, Rita Laura. Que cada povo teça os fios da sua história: o pluralismo jurídico em diálogo didático com legisladores. *Direito.UnB*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 65-92, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/24623>. Acesso em: jan. 2025.

transnacional de pedagogias ecofeministas e pesquisa, incorporando cosmologias de povos originários. A revista se manteve em circulação até 2008.

O coletivo tornou-se um dos epicentros da perspectiva ecofeminista espiritualista no Sul Global. Das principais contribuições do coletivo estão os aspectos da violência teológica contra as mulheres, uma revisão do sagrado e suas reconexões, a proposta de uma teologia corporificada e a perspectiva ecofeminista para a teologia¹⁵.

A Revista Con-spirando, desde 1993 em circulação trimestral, continha cerca de 60 páginas, sendo que 40 delas eram dedicadas ao tema central abordado naquele número temático em específico. Sobre as principais temáticas abordadas nessa revista temos:

[...] debates sobre aborto, pandemia de HIV/AIDS, prostituição, corpo e teologia, direito ao prazer, ética, ecofeminismo, manifestações culturais indígenas, arte, geração, criatividade, comunidade, fertilidade e violência doméstica. Os volumes da revista também abordaram questões como economias de subsistência, economia ecológica, processos de descapitalização ambiental, economia solidária, desmilitarização e crítica ao armamentismo, divisão sexual do trabalho, fontes de energia, produção e distribuição sustentável de alimentos, ecovilas e agroecologia, atitudes suicidas e fundamentalismos religiosos, além de revisões históricas da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim em 1995.¹⁶

Com essa agenda temática plural a Revista Con-spirando não se limitou apenas à reflexão teórica, mas consolidou-se como espaço de produção de pedagogias ecofeministas e ecoespirituais com atividades/eventos em diferentes países. Outrossim, destaca-se também a pluralidade de posições, com base em diferentes epistemes como a teologia da libertação, teologia feminista, teoria feminista, teoria ecofeminista americana, ecologia profunda, psicologia analítica junguiana e cosmovisões indígenas, entre outras.

Ress¹⁷ destaca que a pluralidade de posições no ecofeminismo se reflete no interior das instituições religiosas, onde hierarquias de gênero, particularmente evidentes na Igreja Católica, tensionam a formulação de teologias heterodoxas e críticas às concepções patriarcais de Deus e das relações humanas. Ao avaliar sobre a teologia da libertação e patriarcado, Ivone Gebara em sua entrevista concedida a Mary Judith Ress considera que:

La teología de la liberación por su parte, se pregunta: ¿cómo hablar de Dios de cara a la pobreza, la injusticia, la miseria, la dictadura, la destrucción de pueblos enteros? Ella ofrece una comprensión más colectiva de Dios y enfatiza la naturaleza social del pecado. Dios viene a ser el Dios de la vida y la justicia, que

¹⁵ ZIMMERMANN, Tânia. Ecofeminismos espiritualistas na América Latina após 1980. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 68-86, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/genero/article/view/2158>. Acesso em: jan. 2025.

¹⁶ ZIMMERMANN, 2023, p. 74.

¹⁷ RESS, Mary Judith. Las fuentes del ecofeminismo: una genealogía. *Con-spirando*, Santiago, n. 23, p. 2-8, mar. 1998. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-23-marzo-1998.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

tiene un amor preferencial por el pobre. Sin embargo, la teología de la liberación no ha cambiado la antropología y la cosmología patriarcal sobre la cual se sustenta la cristiandad. La teología de la liberación, tal como en la primera y segunda fase de la teología feminista, no ha desafiado la estructura patriarcal subyacente del cristianismo.¹⁸

O sistema hierárquico-patriarcal tem uma centralidade nas perspectivas de ecofeministas espiritualistas, pois a exploração da natureza e a exploração das mulheres derivam desse sistema. Nesse sentido, o ecofeminismo torna-se uma sabedoria e prática para recuperar ecossistemas e as mulheres. O patriarcado enquanto ordem política, particularmente desde a modernidade, impôs as mulheres a serem uma força de reprodução de trabalhadores como ventres abençoados e a natureza se tornava objeto de dominação¹⁹. Ambas as explorações se direcionaram para o crescimento do capital sendo objeto de discussões sobre posicionamentos éticos e ecofeministas.

Posições sobre ética na Revista Con-spirando

Dois volumes da Revista Con-spirando foram dedicados a reflexões sobre como pensar e agir a partir de uma perspectiva ética. O primeiro volume “Ética e Ecofeminismo” foi publicado em setembro de 1996 e o segundo “Ética e Sexualidades” em abril de 2004. Neste estudo nos ateremos a publicações do primeiro volume, o qual contém 12 artigos com colaboração de Ivone Gebara, Rosa Dominga Trapasso e Mary Judith Ress.

O editorial inicia com questões indicando como a palavra ética ressoa na experiência das pessoas e das mulheres e desde quais tradições essa palavra é anunciada. Também questiona desde quais perguntas, necessidades e de que imagens de nós mesmas essa ideia de ética é perpetrada: aquela que abaliza os femininos como fontes do mal, ou que entende as mulheres como sendo boas por natureza?

A ética parece um termo do qual deveríamos nos apropriar, mas desvinculado de sua associação com normas e estereótipos supostamente universais. Sob estas questões reflete-se se o ecofeminismo vincula e reforça a tradicional relação das mulheres com a natureza. Para isso articula novas perguntas que propõe reflexão: se trata apenas de somar o feminismo com a ecologia? E qual o resultado dessa soma? São as mulheres que devem salvar o planeta? Elas se constituem em elo central de uma Literaterra cuja enunciação estaria articulada entre “seu corpo, suas vidas e relações com os demais seres e a própria natureza”²⁰. Nesse interim, alenta-

¹⁸ RESS, Mary Judith. Ecofeminismo Holístico. Entrevista a Ivone Gebara. *Con-spirando*, Santiago, n. 4, p. 44-49, jun. 1993. p. 45. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

¹⁹ GEBARA, Ivone. *Intuiciones ecofeministas*. Ensayo para repensar el conocimiento y la religión. Madrid: Trotta, 2000.

²⁰ TAYASSU, 2015, p. 479.

se uma compreensão da inter-relação entre mulheres e exploração da natureza. Como uma civilização coloca mulheres e natureza em posição de inferioridade? Como fazer uma discussão ética sobre isso? E as inquietações sobre o tema se estendem:

¿Cuáles serían, entonces, las preguntas éticas que surgen desde una perspectiva ecofeminista? ¿Cuáles los valores realzados? ¿Cuáles los temas puestos de relieve? ¿Cuáles las críticas a la ética tradicional? ¿Cuáles las necesidades contempladas? A fin de cuentas hablar de ética es hablar acerca de cómo vivimos la vida. Qué opciones hacemos frente a las cotidianas situaciones dónde las posibilidades de acción son múltiples. Qué sentido de 'lo que está bien' y 'lo que está mal', sostenemos. Qué valores se actualizan en nuestras relaciones. Qué cosmología o visión de mundo, está detrás de nuestras opciones éticas.²¹

Estes questionamentos advêm de reflexões, de intuições e de experiências destas ecofeministas em rede. Nesse sentido, também Rosa Dominga Trapasso, juntamente com Amparo Ferrer e María Nylon do Coletivo Thalita Cumi, tecem as seguintes perguntas em relação a ética: quais são as implicações éticas da globalização e se haverá respeito às diferenças culturais partir da sua articulação sistêmica. Haverá uma ética para preservar a diversidade de culturas e os direitos dos povos autóctones? Como harmonizar a relação entre o pessoal e o comunitário? Quais são os limites éticos dos direitos individuais em um mundo interdependente e interrelacionado? Quais são as implicações éticas para o feminismo de que o privado é político? O que significa para a ética considerar a terra como um sistema só onde o bem-estar é um componente fundamental de todas as nossas relações pessoais, sociais e econômicas? Como superar o ordenamento patriarcal hierárquico da sociedade para construir uma ética baseada na equidade, corresponsabilidade e interdependência entre toda a criação? Pode a cosmovisão andina, baseada na reciprocidade e na relação do povo com a Pachamama nos oferecer pistas para uma ética da reciprocidade e solidariedade? E por fim, questiona: qual é o papel da religiosidade e da nossa espiritualidade na crença de uma ética global?²²

Estas questões também foram tensionadas em outro escrito de Trapasso²³ ao entender que a ética ecofeminista é formulada a partir de um conjunto de questionamentos que problematizam os efeitos da globalização, o respeito às diferenças culturais e a preservação da diversidade dos povos autóctones. Suas reflexões interrogam os limites éticos dos direitos

²¹ COLECTIVO EDITORIAL. Editorial. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 1, sep. 1996. p. 1. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

²² FERRER; NYLON; TRAPASSO *apud* RUETHER, Rosemary R. Ética, espiritualidad y ecología. Algunas reflexiones em torno al ecofeminismo. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 2-6, sep. 1996. p. 5. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

²³ TRAPASSO, Rosa Dominga. Ecofeminismo. Revisitando nuestra conexión con la naturaleza. *Con-spirando*, Santiago, n. 4, p. 2-6, jun. 1993. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

individuais em um mundo interdependente, a articulação entre o pessoal e o comunitário, bem como as implicações feministas do princípio de que o privado é político.

Rosa Dominga Trapasso juntamente com Amparo Ferrer e María Nylon²⁴ também questionam o sentido ético de conceber a Terra como um sistema único, no qual o bem-estar constitui um elemento estruturante das relações pessoais, sociais e econômicas, e indaga de que modo é possível superar o ordenamento patriarcal e hierárquico da sociedade em direção a uma ética baseada na equidade, na corresponsabilidade e na interdependência entre toda a criação. A partir da cosmovisão andina, centrada na reciprocidade e na relação com a Pachamama, estas autoras sugerem elementos para a construção de uma ética da reciprocidade e da solidariedade, questionando, por fim, o papel da religiosidade e da espiritualidade na formulação de uma ética de alcance não universalizante.

Esses questionamentos encontram ressonância nas reflexões de Santos²⁵ ao criticar os projetos universalistas do humanismo moderno que, sob a pretensão de unificação, promovem o apagamento de outras formas de existência consideradas incompatíveis com os princípios civilizatórios do capitalismo. Em diálogo com essa crítica, Elizabeth Povinelli²⁶ afirma que um dos imperativos éticos centrais do presente consiste na consciência de que a continuidade da vida depende da capacidade de articular novas redes de distribuição de poderes e afetos.

Retomando Santos²⁷, essa nova ética política pode ser compreendida a partir da metáfora cosmológica do transfluir, na qual a circularidade das águas expressa um princípio relacional que articula reciprocidade, interdependência e cuidado. Ao recorrer ao regime das chuvas para pensar a política e a organização comunitária, Santos associa economia do cuidado, ecoespiritualidade e coletividade, oferecendo uma chave ontológica para compreender a vida como processo relacional e não atomístico. Nesse sentido, tal perspectiva pode ser entendida como manifestação epistemológica da Literaterra, na medida em que reconhece a unidade na multiplicidade e afirma o “ser-com” como fundamento ético e cosmológico.

Ao conceder entrevista a Ute Seibert-Cuadra²⁸, Ivone Gebara converge para a perspectiva de uma nova ética quando questiona o que significa ser uma pessoa, processo entendido por ela como central tanto na vida social quanto na teologia. Ela aponta que a centralidade está na constituição do sujeito ético, observando que as mulheres por muito tempo não foram consideradas sujeito numa perspectiva ecofeminista. E cabe ressaltar que não

²⁴ FERRER; NYLON; TRAPASSO *apud* RUETHER, 1996, p. 5.

²⁵ SANTOS, 2023.

²⁶ POVINELLI, 2024.

²⁷ SANTOS, 2023.

²⁸ SEIBERT-CUADRA, Ute. La persona desde una perspectiva ecofeminista: una conversación con Ivone Gebara. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 20-27, sep. 1996. p. 23. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

estamos falando de pessoa no sentido do individualismo burguês como perpetrado pelo pensamento colonialista, mas sim na perspectiva do “ser-com”, que poderia desenvolver novas visões sobre o ser humano e sua relação com o divino.

Na América Latina alguns grupos relacionam a noção de pessoa a de cidadão. Essa aproximação intenta introduzir uma escala de valores marcados pela situação de classe, gênero e etnia, conforme explica Gebara:

Así, por ejemplo, un grupo de mujeres pobres en mi región se niega a aceptar el hecho de que para el sistema neoliberal los pobres no sean considerados personas y, entre los pobres, las mujeres sean aún menos consideradas como personas. Ellas argumentan que los dictadores, los generales, los que roban al pueblo, éstos sí que no son personas. A su vez, los pobres sí, ellos tienen dignidad y, por eso, son personas. Para ellas, las mujeres, aunque oprimidas, son más personas que los hombres porque siempre asumen la responsabilidad de la familia y de los hijos cuando son abandonadas por los hombres.²⁹

Gebara entende, portanto, que há vários níveis de compreensão sobre ser pessoa, os quais dependem das perguntas que fazemos e de questões que envolvem a interseccionalidade, sobretudo, em relação a classe, gênero, raça e meio ambiente. Para algumas mulheres não se trata de uma discussão filosófica, mas a noção de pessoa advém das experiências cotidianas. “Ser persona para muchas de ellas es ser sujeto de derechos y deberes.”³⁰

Gebara aprofunda a questão ao estudar a etimologia da palavra “pessoa” e de que forma essa terminologia se relaciona com o significado da palavra atualmente. Para tanto, parte do grego *prosopon*, palavra que pode ser traduzida por máscara, elemento que era utilizado no teatro greco-latino e permitia esconder o rosto e destacar a voz do ator. Era por esse acessório que se revelava a individualidade da personagem. A autora entende que a máscara, em alusão ao mundo contemporâneo, revela o comportamento dos indivíduos, a diversidade dos papéis que cada um pode ocupar no universo das relações humanas, atribuindo ao termo, portanto, um significado mais profundo:

Las máscaras revelan aquello que aparece del comportamiento de los individuos, revela la diversidad de papeles que cada personaje puede tener en la compleja red de relaciones humanas. Cada ‘persona’ es en realidad ‘personas’ dependiendo de las situaciones en que se encuentra. La ‘persona’ es la máscara que aparece y convida a los espectadores a reflexionar más allá de ella.³¹

A partir de suas análises, Gebara problematiza a noção moderna de pessoa ao evidenciar que a multiplicidade e a mutabilidade das “máscaras” costumam tensionar os sistemas filosóficos e teológicos. Segundo a autora, para reduzir os efeitos dessa diversidade, a modernidade buscou

²⁹ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 20.

³⁰ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 20.

³¹ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 21.

afirmar a existência de um núcleo único, essencial e imutável para cada indivíduo, capaz de garantir estabilidade ontológica frente às mudanças históricas e relacionais³². No entanto, no interior de um ordenamento patriarcal, essa busca por essência foi radicalizada no caso das mulheres, às quais se atribuiu uma natureza fixa, desprovida de historicidade e marcada por papéis normativos. Desse modo, o discurso sobre um ideal humano universal torna-se problemático, pois não acolhe as múltiplas máscaras, os deslocamentos subjetivos e as transformações que constituem as experiências concretas das pessoas, especialmente das mulheres em contextos de opressão.

No campo da crítica ecofeminista às concepções ocidentais de pessoa, Gebara observa que a noção moderna de sujeito livre, autônomo e autocentrado foi apropriada por racionalidades burguesas, coloniais e capitalistas, funcionando como dispositivo ético e político de legitimação da exploração da Terra e da vida. Ao absolutizar a autonomia e a liberdade individuais, essa concepção obscurece as relações de interdependência que sustentam a existência e favorece dinâmicas de dominação que atravessam dimensões econômicas, tecnológicas, militares e religiosas. Para a autora, tal hipertrofia da autonomia contribui para processos de destruição socioambiental, na medida em que fragmenta a vida e inviabiliza a percepção de sua integralidade³³.

Essa crítica é aprofundada por Elizabeth Povinelli³⁴ ao analisar a crise ambiental vivenciada pela cidade de Flint, nos Estados Unidos, decorrente do comprometimento do abastecimento de água potável. A autora demonstra que os impactos da contaminação recaíram de forma desproporcional sobre comunidades afrodescendentes, evidenciando como a retórica liberal da autonomia e da liberdade opera para preservar privilégios históricos. Nesse contexto, aqueles que “[...] há muito tempo se beneficiam de um arranjo entrelaçado recusam-se a ser coagidos ou deslocados por um novo arranjo”³⁵. Assim, discursos que exaltam a liberdade individual funcionam como estratégias de desvio, ocultando o fato de que, para a manutenção de determinados privilégios, territórios e populações são sistematicamente objetificados, tecnicados e convertidos em recursos exploráveis.

Na crítica ecofeminista, a noção de “pessoa” é compreendida em uma dimensão coletiva e cósmica. Segundo Gebara³⁶, mais importante do que a autonomia e a liberdade individual é a relacionalidade, entendida como a realidade constitutiva primeira de todos os seres. A relacionalidade é fundacional tanto da realidade já constituída quanto daquela que ainda está por vir, configurando-se como o tecido continuamente gestado no processo vital do qual fazemos

³² SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 21.

³³ SEIBERT-CUADRA, 1996.

³⁴ POVINELLI, 2024.

³⁵ POVINELLI, 2024, p. 630.

³⁶ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 22.

parte. Os fios que compõem esse tecido entrelaçam-se no tempo e no espaço, estabelecendo conexões que relativizam a individualidade e a memória isoladas. Nesse horizonte, os seres humanos encontram-se em relação não apenas entre si, mas também com a Terra e com forças físicas, químicas, biológicas e cósmicas que tornam possível o próprio existir.

Como afirma Santos³⁷, os humanos não “[...] se descolam da natureza e se tornam criadores”; ao contrário, constituem-se em processos de biointeração, nos quais se revelam como existências diversas, interessadas em viver de forma orgânica e relacional. É a partir dessa compreensão que se torna possível pensar a construção de uma ética relacional e não antropocêntrica, fundada na interdependência, no cuidado e na coemergência entre humanos e mais-que-humanos.

Ao criticar o ordenamento patriarcal, Gebara aponta que a concepção dominante de pessoa limita essa compreensão relacional ao atribuir aos homens o lugar de sujeitos racionais e dominadores da natureza. Em contraposição, o ecofeminismo propõe uma ontologia que reconhece o ser humano como simultaneamente limitado e ilimitado, finito e infinito, dependente e autônomo, voluntário e involuntário, transcendente e imanente, construtivo e destrutivo, exclusivo e inclusivo, afirmando a complexidade e a interdependência como fundamentos da condição humana³⁸.

As reflexões de Santos³⁹ dialogam com essa compreensão ecofeminista ao descrever modos de vida, como os das comunidades quilombolas, que não se organizam a partir de uma concepção moderna de política institucionalizada, mas de práticas cotidianas nas quais o existir se realiza na relação. Para o autor, o ato de existir se revela na transfluência, de modo que o sujeito que transflui torna-se “começo, meio e começo”⁴⁰, em um devir contínuo no qual forma e conteúdo não se separam. Essa ontologia relacional, que privilegia o processo, a circularidade e a interdependência, aproxima-se das formulações de Gebara ao deslocar a centralidade do sujeito autônomo e afirmar o ser como relação. Ainda que partam de campos distintos, ambas as perspectivas convergem na crítica ao pensamento dualista e na defesa de uma ética fundada na relacionalidade.

Gebara observa que é na vida social que emergem as exigências éticas pautadas na relacionalidade, e que tais exigências devem respeitar a integralidade dos seres, individual e coletivamente, na busca de consensos situados sobre o bem comum. Desse modo, a interdependência, que seria capaz de abranger humanos e mais-que-humanos, constitui a experiência fundante do universo vivido e requer, como afirma a autora:

³⁷ SANTOS, 2023, p. 29.

³⁸ SEIBERT-CUADRA, 1996.

³⁹ SANTOS, 2023.

⁴⁰ SANTOS, 2023, p. 49.

[...] Hablar de relacionalidad no significa apelar a un principio trascendente o a una divinidad superior que sería una especie de razón o fundamento moral de nuestras acciones. La relacionalidad o interdependencia entre todos los seres es una experiencia constitutiva del propio Universo en que vivimos. Por eso, la relacionalidad ética exige todo un proceso educativo que tiene en vista rehacer la propia comprensión que tenemos de nosotros mismos. Se trata de un proceso largo y continuo, necesario en todas las instituciones sociales y credos religiosos.⁴¹

Não se trata, portanto, apenas de perceber-se de maneira diferente, mas de conceber relações sociais orientadas por processos como coexistência, equilíbrio e respeito comunitário. Nesse horizonte, a coletividade não se sobrepõe ao indivíduo, mas constitui o espaço relacional no qual a singularidade pode existir sem se dissociar do todo. Santos⁴² compreende esse modo de viver como integrado cosmologicamente, e não a partir de um humanismo abstrato, característica que marcou historicamente a organização da experiência de mundo de diversos povos indígenas.

É preciso compreender que a relacionalidade indica a força vital que atravessa todas as coisas, independentemente de juízos éticos de matriz antropocêntrica. Tal premissa abre caminho para uma compreensão de ecojustiça na qual as diferentes formas de vida são reconhecidas como fundamentais para a própria experiência da justiça. No horizonte ecofeminista, essa perspectiva não aponta para um ideal abstrato de progresso moral, mas para processos éticos situados, nos quais a convivência e o respeito coletivo se tornam práticas concretas e historicamente construídas. Assim, coexistir e buscar o equilíbrio nas comunidades humanas e mais-que-humanas constituem elementos vitais para a continuidade da vida⁴³.

Trata-se, nesse sentido, de vislumbrar o que Povinelli⁴⁴ denomina uma nova governança da existência, capaz de questionar os fundamentos do pensamento ocidental moderno ao deslocar a centralidade da linearidade em favor da circularidade. Nesse horizonte, não se nega a existência de assimetrias e conflitos, mas afirma-se o compromisso ético de reconfigurar as formas de convivência a partir da interdependência, do cuidado e da responsabilidade com o todo, e não apenas com interesses parciais ou privilegiados.

Mary Judith Ress indica em seus escritos que não somos extraterrestres, mas sim habitantes do planeta Terra em constante destruição:

Somos un planeta que se está secando, 'desertificando', perdiendo su esplendor, su diversidad. Cada día unos 40.000 'nuevos' de nuestra propia especie mueren de desnutrición. Cada año perdemos cerca de 10.000 de los 'otros' 10 millones de especies con quienes compartimos este hogar. Piénsalo: cada vez que extinguimos una especie, perdemos una voz única de nuestro terruño-y nadie

⁴¹ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 23.

⁴² SANTOS, 2023.

⁴³ SEIBERT-CUADRA, 1996, p. 24-25.

⁴⁴ POVINELLI, 2024.

puede resucitarla; ni dios, ni la ciencia. Solo queda la memoria de que 'había una vez el águila, el cóndor...'.⁴⁵

A catástrofe ambiental que atinge o ecossistema nos atingirá a todos e todas também. Neste contexto, pessoas mais vulneráveis por questões de raça, classe e gênero são afetadas primeiro e de forma mais violenta que as pessoas privilegiadas. A autora indica que uma ética da Terra parte do pressuposto de que o bem-estar é uma norma da comunidade inteira, e isso nos inclui. Os ecossistemas da terra precisam se manter coerentes entre si para poder seguir o processo evolutivo do próprio planeta. Os humanos devem escutar seus próprios códigos genéticos que nos vincula a um processo mais amplo dos códigos da própria Terra⁴⁶.

O pensamento das ecofeministas aqui discutido, entre elas Gebara, Ress e Trapasso, indica que a tradição ocidental colocou as mulheres à margem de serem sujeitas éticas a partir de prerrogativas essencialistas que as consideravam em termos binários como boas por natureza ou fontes de todo mal. Os feminismos vêm desconstruindo essa ideia, a partir do descentramento da palavra ética da perspectiva androcêntrica e do âmbito da moral, que sobrepujam a mulher a uma condição de menoridade.

O fato é que a ética feminista critica diversas dicotomias, entre elas o binômio mulheres x homens, natureza x razão, público x privado, espírito x corpo; entre outros. A tentativa é de superar essa fronteira e construir uma ética que se opunha às divisões tradicionais, alcançando uma boa convivência que fortaleça e afirme a vida em todas as suas dimensões, pautada em uma economia do cuidado e da justiça que permeia as coexistências de todos os seres pelo bem comum. Assim, o ecofeminismo pode ser compreendido como uma proposta integradora que se propõe a articular uma nova ecologia de saberes, mais relacional e menos excludente.

Considerações finais

A perspectiva espiritualista das ecofeministas na América Latina rompeu com concepções religiosas e científicas ocidentais patriarcais ao deslocar o centro da reflexão ética para os corpos, as experiências e as práticas cotidianas das mulheres, especialmente aquelas situadas em contextos de pobreza, racialização e marginalização socioambiental. A partir de uma perspectiva de gênero, a ética deixa de ser definida por princípios abstratos e universalizantes, historicamente elaborados por sujeitos masculinos, brancos e eurocentrados, para ser pensada desde corpos concretos, vulnerabilizados e interdependentes, cujas experiências de cuidado, resistência e sobrevivência orientam novas formas de discernimento moral.

⁴⁵ RESS, Mary Judith. Una meditación sobre la fragilidad de nuestro planeta. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 36, sep. 1996. p. 36. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

⁴⁶ RESS, 1996.

No âmbito de uma ética feminista, desdobrada sob uma miríade de pontos de vista teóricos, destaca-se uma ética do cuidado articulada à justiça, na qual a responsabilidade ética emerge da relacionalidade e da atenção às condições materiais da vida. Esse cuidado conecta-se profundamente com a espiritualidade, entendida não como esfera separada do mundo, mas como fonte de sentido existencial que brota da relação com todas as formas de vida. Cuidar da Terra, nesse horizonte, torna-se uma responsabilidade ética e ecológica, fundada na interconexão de toda a vida, cuja diversidade sustenta a liberdade dos povos e fundamenta o que Vandana Shiva⁴⁷ denomina “Democracia Terrestre”, na qual todos os seres são reconhecidos como parte da natureza e dignos de proteção.

Entretanto, os trânsitos entre Sul e Norte Global revelam tensões importantes, sobretudo quando certas correntes ecofeministas do Norte se apropriam de elementos das espiritualidades latino-americanas sem reconhecer suas origens, seus contextos históricos e as lutas políticas e materiais que lhes dão sentido. Sob uma perspectiva ética feminista e decolonial, essa apropriação levanta questionamentos fundamentais sobre quem tem o poder de definir o que é ético, espiritual ou ecológico, e evidencia a necessidade de intercâmbios verdadeiramente horizontais, que não reproduzam dinâmicas coloniais disfarçadas de solidariedade.

Dessa forma, a interseccionalidade entre gênero, classe, raça, meio ambiente, ética e espiritualidades nos ecofeminismos latino-americanos revela tanto potências quanto desafios nos diálogos com o Norte Global. Essas perspectivas oferecem caminhos críticos para repensar as relações entre gênero, natureza e desenvolvimento, ao mesmo tempo em que exigem um compromisso político e epistemológico com o reconhecimento da história, da agência e dos saberes das mulheres e comunidades do Sul Global na construção de alternativas sustentáveis e socialmente justas.

O ecofeminismo apresentado na edição de número 17 da Revista Con-spirando evidencia que são majoritariamente as mulheres que lutam pelo bem-estar coletivo, questionando privilégios masculinos e confrontando estruturas legais, econômicas e tradições religiosas atravessadas por patriarcados interseccionados por classe, gênero, raça e meio ambiente. Ecofeministas como Rosa Trapasso, Ivone Gebara e Mary Ress, ao acolherem mulheres empobrecidas em bairros periféricos e territórios marginalizados, transcenderam visões androcêntricas de mundo e afirmaram princípios de justiça social, ética do cuidado, solidariedade e igualdade.

Assim, esta pesquisa buscou discutir a relação entre ética, espiritualidades, ecofeminismos e justiça socioambiental nos escritos dessas autoras a partir de uma perspectiva de gênero, demonstrando que a definição do ético, do espiritual e do ecológico, quando

⁴⁷ SHIVA, 2022.

enraizada nas experiências corporais e históricas das mulheres, produz não apenas novas categorias analíticas, mas também práticas transformadoras orientadas para a vida em sua integralidade.

Referências

- COLECTIVO EDITORIAL. Editorial. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 1, sep. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CON-SPIRANDO. Revista latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidad y teología. *Ética y Ecofeminismo*, Santiago, n. 17, sep. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- CON-SPIRANDO. Revista latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidad y teología. *Éticas y sexualidades*, Santiago, n. 46, abr. 2004. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-46.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- GARCIA, Loreley. *Meio ambiente & gênero*. São Paulo: Senac, 2012. (Série Meio Ambiente).
- GEBARA, Ivone. *Intuiciones ecofeministas*. Ensayo para repensar el conocimiento y la religión. Madrid: Trotta, 2000.
- POVINELLI, Elizabeth A. *Catástrofe Ancestral: Existências no Liberalismo Tardio*. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- RESS, Mary Judith. Ecofeminismo Holístico. Entrevista a Ivone Gebara. *Con-spirando*, Santiago, n. 4, p. 44-49, jun. 1993. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- RESS, Mary Judith. Las fuentes del ecofeminismo: una genealogía. *Con-spirando*, Santiago, n. 23, p. 2-8, mar. 1998. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-23-marzo-1998.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- RESS, Mary Judith. Una meditación sobre la fragilidad de nuestro planeta. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 36, sep. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- RUETHER, Rosemary R. Ética, espiritualidad y ecología. Algunas reflexiones em torno al ecofeminismo. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 2-6, sep. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; PISEAGRAMA, 2023.

SCOTT, Joan W. *A fantasia da história feminista*. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

SEGATO, Rita Laura. Que cada povo teça os fios da sua história: o pluralismo jurídico em diálogo didático com legisladores. *Direito.UnB*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 65-92, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/24623>. Acesso em: jan. 2025.

SEIBERT-CUADRA, Ute. La persona desde una perspectiva ecofeminista: una conversación con Ivone Gebara. *Con-spirando*, Santiago, n. 17, p. 20-27, sep. 1996. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-17-septiembre-1996.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

SHIVA, Vandana. Manifesto sobre as economias do cuidado e a democracia na Terra. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 21 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620570-manifesto-sobre-as-economias-do-cuidado-e-a-democracia-na-terra>. Acesso em: jan. 2025.

TAYASSU, Catitu. Literaterra. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Editora da UFGD, 2015.

TRAPASSO, Rosa Domingo. Ecofeminismo. Revisitando nuestra conexión con la naturaleza. *Con-spirando*, Santiago, n. 4, p. 2-6, jun. 1993. Disponível em: <https://conspirando.cl/wp-content/uploads/2016/05/Revista-Con-spirando-04-junio-1993.compressed.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

ZIMMERMANN, Tânia. Ecofeminismos espiritualistas na América Latina após 1980. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 9, n. 1, p. 68-86, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/genero/article/view/2158>. Acesso em: jan. 2025.

Recebido em: 19 dez. 2025.

Aceito em: 09 jan. 2025.